

John F. C. Turner e o debate sobre a participação popular na produção de habitat na América Latina na cultura Arquitetônico-urbanística, 1961–1976¹

John F. C. Turner y el debate sobre la participación popular en la producción de hábitat en América Latina en la cultura arquitectónico-urbanística, 1961–1976

John F. C. Turner and the debate on popular participation in the production of habitat in Latin America in the architectural-urban culture, 1961–1976

Daniel Kozak

Universidade de Buenos Aires

Tradução:

Larissa Grazielle Silva dos Santos

Universidade Federal da Bahia



¹ Nota dos editores: este artigo foi originalmente publicado na revista *Urbana: Revista do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade*, UNICAMP (ISSN: 1982-0569), v. 8, n. 3, 2016, p. 49-68. O texto foi traduzido integralmente, de forma que toda tradução para o português é dos autores, incluindo a das citações. Agradecemos aos editores do periódico e ao autor pelo o aval para esta tradução.

RESUMO:

A primeira Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos, Habitat I (Vancouver, 1976) é considerada como o momento em que a questão da participação popular passou a ocupar um lugar central no discurso urbanístico predominante a nível global. Durante pelo menos a década seguinte, os programas de “autoajuda assistida” e, no geral, o ideário associado ao arquiteto britânico John F.C. Turner tornaram-se a política oficial e o marco teórico das principais organizações multilaterais como o Banco Mundial. O objetivo deste artigo é rever o período que se estende do lançamento do programa norte-americano Aliança para o Progresso (1961) ao Habitat I (1976) — e particularmente examinar o desenvolvimento do arco do pensamento de Turner neste ciclo — para dar conta da construção desse consenso e sua incorporação na cultura arquitetônico-urbanística.

Palavras-chave: John F. C. Turner, autoconstrução, autoajuda, Habitat I, Aliança para o Progresso.

RESUMEN:

La primera Conferencia de las Naciones Unidas sobre Asentamientos Humanos, Hábitat I (Vancouver, 1976), es considerada como el momento en que la cuestión de la participación popular pasó a ocupar un lugar central en el discurso urbanístico predominante a nivel global. Durante por lo menos la década siguiente, los programas de “autoayuda asistida”, y en general el ideario asociado al arquitecto británico John F. C. Turner, se volvieron la política oficial y el marco teórico de las principales organizaciones multilaterales como el Banco Mundial. El objetivo de este artículo es revisitar el periodo que se extiende entre el lanzamiento del programa norteamericano Alianza para el Progreso (1961) y Hábitat I (1976) —y particularmente examinar el desarrollo del arco de pensamiento de Turner en este ciclo— para dar cuenta de la construcción de este consenso y su incorporación en la cultural arquitectónico-urbanística.

Palabras clave: John F. C. Turner, autoconstrucción, autoayuda, Hábitat I, Alianza para el Progreso.

ABSTRACT:

The first United Nations Conference on Human Settlements, Habitat I, held in Vancouver in 1976, is widely considered as the moment in which the question of popular participation in the production of habitat became mainstream. For at least the following ten years after the U.N. Conference in Vancouver, “aided-self-help” programs and in general the ideas associated with the British architect John F.C. Turner became the official policy and theoretical framework of the main multilateral organizations, such as the World Bank. The purpose of this article is to review the period that goes from the launching of the US program Alliance for Progress (1961) and Habitat I (1976)—and in particular, to examine the development of Turner’s thought in this cycle—to account for the construction of this consensus and its incorporation into architectural and urbanistic culture.

Keywords: John F. C. Turner, self-build, self-help, Habitat I, Alliance for Progress.

Introdução: o retorno do debate sobre a participação popular na produção do habitat no discurso arquitetônico *mainstream*

Em janeiro de 2016, o arquiteto chileno Alejandro Aravena foi laureado com o *Prêmio Pritzker*, o prêmio habitualmente considerado de maior prestígio no âmbito da arquitetura a nível mundial. Alguns meses antes, Aravena também havia sido nomeado diretor da edição 2016 da Bienal de Arquitetura de Veneza. Esses dois eventos articulados – junto a outros, como a exposição *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement*, apresentada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) em 2010² – confirmam o retorno de um ideário que, pelo menos na corrente mais *mainstream* da arquitetura internacional, não ocupou um lugar significativo desde o final dos anos 70 até ao final da primeira década do século XXI. Sobre Aravena, a comissão do *Prêmio Pritzker* declarava no anúncio do prêmio: “personifica o ressurgimento de um arquiteto com maior compromisso social”.³ Em uma linha similar, o anúncio do *Pritzker* ao arquiteto japonês Shigeru Ban, dois anos antes, ressaltava o “design inovador e engenhoso para seus extensos esforços humanitários”.⁴ Contudo, no caso de Aravena, o *revival* é ainda mais específico. Trata-se do retorno atualizado de uma série de ideias amplamente discutidas nos anos sessenta e setenta no debate sobre a participação popular na produção do habitat, o papel dos arquitetos nesses processos e, mais concretamente, os planos de “autoajuda” e metodologias para a “autoconstrução” na América Latina. Algumas das obras mais emblemáticas de Aravena, como a *Quinta Monroy* em Iquique (exposta na exposição do MoMA de 2010), retomam explicitamente experiências deste período. Particularmente, a associação direta é com o Projeto Experimental de Habitação de Lima, mais conhecido como PREVI,⁵ ao que Aravena se refere como “provavelmente um dos dois momentos fundamentais na história da habitação social”, junto à *Weißenhofsiedlung* em Stuttgart⁶ (ARAVENA citado por GYGER, 2013, pp. 208-209). Tanto no PREVI quanto nas obras de Aravena, através do *Elemental*, seu escritório de arquitetura (definido como um *do tank*), as habitações foram projetadas de forma a serem concluídas por seus usuários mediante processos de “autoconstrução”.

O anúncio do *Pritzker* 2016 foi muito comemorado pela imprensa especializada no mundo anglo. A seção de arquitetura do jornal britânico *The Guardian* chamou Aravena de “um visionário da habitação social” e caracterizou a decisão do júri como “uma opção refrescante para o *Pritzker*” (WAINWRIGHT, 2016). A crítica na América Latina foi menos elogiosa. Para o arquiteto e crítico argentino Fredy Massad, por exemplo, “a exaltação de Aravena” mantém-se em grande medida

2 Ver: <http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/smallscalebigchange/>

3 Ver: <http://www.pritzkerprize.com/2016/announcement>. A tradução dos textos citados em línguas diferentes do espanhol é, em todos os casos, nossa.

4 Ver: <http://www.pritzkerprize.com/2014/announcement>.

5 Na verdade, como veremos mais adiante, a associação do trabalho de Aravena é só com o Projeto Piloto 1 (PP1), que em geral é o que se identifica como sinédoque da totalidade do PREVI, que inclui outro três projetos-piloto.

6 A ideia de PREVI como uma nova *Weißenhofsiedlung* é um tropo recorrente nas narrativas do PREVI (GYGER, 2013, p. 209).

em “uma sociedade, e um âmbito arquitetônico, predispostos a acreditar em receitas milagrosas e instantâneas, mas com um nulo interesse em confirmar os resultados reais destas” (MASSAD, 2016). Aproximadamente meio século mais tarde, tanto as objeções quanto as apologias aos conjuntos de moradias do Elemental reeditam fielmente muitos dos argumentos sustentados nos debates em torno do PREVI. E, por sua vez, a experiência do PREVI e seu significado só podem ser compreendidas no contexto do forte apoio político, econômico e disciplinar à construção do consenso da “autoconstrução/autoajuda” (AC/AA) promovido entre o lançamento da Aliança para o Progresso, no início do governo de J.F. Kennedy em 1961, e a *Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos*, Habitat I, realizada em Vancouver em 1976.

O Habitat I é amplamente considerada como o momento em que a questão da participação popular na produção da habitação, através dos modelos AC/AA, passou a ocupar um lugar central no discurso urbanístico predominante a nível global (FERNÁNDEZ WAGNER, 2009, p. 24; MATHEY, 1991, p. 382; CHIODELLI, 2016, p. 2). Desde o início dos anos 70, o Banco Mundial tinha começado a adotar o conceito de AC/AA nas suas políticas e documentos (WORLD BANK, 1972; 1973). Outros organismos multilaterais, como o Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES) da União Pan-Americana, já o faziam desde os anos cinquenta a partir de um diagnóstico pragmático que assinalava a escassez de recursos e a escala do déficit habitacional na América Latina (na ordem de 80% da população urbana segundo um relatório do CIES (1953)), combinado com uma “visão ideológico-cultural dominante nas instituições pan-americanas”, que, como assinala Adrián Gorelik (2008, pp. 86-87), incluía tanto o “ideal anglo-saxão de suburbanização residencial como alternativa à concentração metropolitana”, como uma prescrição para a população pobre dos países subdesenvolvidos, à qual eram confiados “os hábitos do trabalho coletivo” para reforçar “os laços comunitários enfraquecidos pelo assistencialismo estatal e pela desmoralização provocada pelas condições miseráveis de sua vida na cidade”. Desde os anos 40 existia, também, uma extensa experiência em “programas de moradia de autoajuda mútua” em Porto Rico, “o campo de prática avançada da planificação norte-americana” (ibid., pp. 80-83), cuja incidência nesta área nas décadas seguintes seria decisiva. E, em certa medida, desde as primeiras décadas do século XX, ideias semelhantes em torno dos conceitos de AC/AA foram desenvolvidas na Suécia, Áustria e União Soviética (HARRIS, 1998, p. 167; 1999, p. 301). Porém, o Habitat I foi, sem dúvida, um ponto de virada. Durante pelo menos os dez anos seguintes à conferência em Vancouver, os planos de “lotes com serviços” e programas de AC/AA tornaram-se a norma e as palavras-chave do discurso predominante nos organismos internacionais multilaterais, como as Nações Unidas, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Como esse consenso foi construído e como foi incorporado nos discursos predominantes da cultura arquitetônico-urbanística são as perguntas que me proponho abordar neste artigo.

Turner no lugar certo, na hora certa

Muitas crônicas do Habitat I enfatizam o papel central do arquiteto britânico John F.C. Turner durante os debates nas conferências (e.g. MATHEY, 1991, p. 382; WARD, 1976, p. 5; HARRIS, 2003, p. 251; SATTERTHWAITE, 2016, p. 5). Seu trabalho nas *barriadas* do Peru entre 1957 e 1965 (GORELIK, 2008, p. 75; GYGER, 2013, p. 282) chegou a ser considerado como um modelo a ser aplicado não só no resto da América Latina, mas também na Ásia e na África, e onde houvesse déficit de moradia. A América Latina, em geral, era provavelmente considerada naquele momento como o centro de produção de teoria urbana mais dinâmico a nível global e seus bairros pobres, os laboratórios onde esse novo pensamento urbano era pensado e posto à prova.

Nem todos concordam, no entanto, que Turner fosse a principal força impulsionadora no desenvolvimento de princípios e políticas da AC/AA. Harris (2003, pp. 245-246), por exemplo, desafia o que ele considera “a narrativa convencional”, a qual sustenta que, “na década de 1960, John Turner mudou a forma como pensamos sobre as habitações de baixo custo”; que “nos ensinou a valorizar a autoajuda; a pensar na moradia como um verbo; a ver os assentamentos ilegais como soluções, e não problemas”; e que “como consequência disso, no início de 1970, o Banco Mundial começou a financiar os programas de lotes com serviços”. Segundo Harris, foram Abrams (1963; 1964) e sobretudo Crane (1944; 1949) – que cunhou o termo “aided selfhelp housing” em meados dos anos 40 (HARRIS, 1998, p. 168) – os autores das inovações mais significativas nesta área.⁷

Não obstante, e para além da discussão sobre a quem deve ser atribuída a invenção dos conceitos e instrumentos principais da AC/AA, a figura de Turner e particularmente seu papel como representante do estado peruano na negociação de créditos para planos e projetos de AC/AA com organismos multinacionais, fortemente apoiados pelo governo norte-americano em linha com a política da Aliança para o Progresso, é uma das peças-chave que explicam com maior síntese o caminho para a construção do consenso da AC/AA⁸ na *Declaração de Vancouver* no Habitat I (UN HABITAT, 1976). A negociação do *Plano Bienal 1962-1963 Peru-BID*, em novembro de 1961, é um bom exemplo que ilustra esse ponto. Turner formou, junto a Luis de los Heros e Luis Marcial (Diretor do Instituto da Habitação (INVI) do Peru e Chefe de Planejamento do INVI, respectivamente), a comitiva que acordou com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington um financiamento de 22,8 milhões de dólares para moradias sociais, que seriam construídas principalmente através de planos de AC/AA. Em uma entrevista, Turner lembrou que antes da reunião, funcionários do BID “havam deixado transcender que poderiam considerar o

7 Como veremos mais adiante, o *Relatório Indore* de Patrick Geddes (1918) é, também segundo Harris (1998, p. 180), talvez a primeira recomendação de uma política para a promoção de habitações construídas através da autoajuda.

8 Refiro-me aqui ao “consenso da autoconstrução/autoajuda” não no sentido técnico do termo. *Stricto sensu*, a *Declaração de Vancouver* não foi consensual. Não pelo seu conteúdo principal, mas pela inclusão (no parágrafo 4 da seção II) de uma menção à Resolução 3379 da Assembleia Geral das Nações Unidas, que determinava que “o sionismo é uma forma de racismo e discriminação racial”. Ver Gyger (2013, p. 293) e UN Habitat (1976, p. 147-152).

financiamento de um programa nacional de autoconstrução” e que, após a apresentação da equipe peruana, “o diretório do banco ficou encantado” e dobrou o montante do empréstimo (TURNER citado por GYGER, 2013, p. 184).

Tanto para o Peru quanto para os organismos multilaterais comandados desde Washington, Turner tornou-se o representante e interlocutor ideal para negociar, no mesmo idioma, como poderiam ser canalizados os fundos impulsionados pela Aliança para o Progresso, sob a forma de créditos subsidiados, destinados a seduzir os países latino-americanos, aumentar a presença norte-americana na região e, assim, contrariar o alcance da revolução cubana. De muitos pontos de vista, Turner parece ser o homem que estava no lugar e momento certos.

O arco do pensamento de Turner, de Arequipa a Vancouver

É conhecido o percurso que levou Turner de Londres às *barriadas* peruanas (CHAVEZ ET AL, 2000; BALLENT, 2004; GORELIK, 2008; GYGER, 2013). Convidado por Eduardo Neira Alva, arquiteto de Trujillo que conheceu em um curso de verão do CIAM realizado em Veneza em 1952⁹ e que trouxe um interesse comum pela obra de Patrick Geddes (GYGER, 2013, p. 83), chegou a Lima no início de 1957. Após uma breve passagem pela academia – junto a Neira Alva, deu aulas de Teoria do Planejamento Urbano sobre Geddes-nejamento urbano –, em junho de 1957 se estabeleceu em Arequipa para assumir um cargo na administração pública¹⁰ (ibid., pp. 93-96). É sabido também como Turner foi introduzido no universo da AC/AA por Neira, através dos manuais de autoconstrução comunitária elaborados por esforço próprio em Porto Rico nos anos 40 (CHAVEZ ET AL, 2000; GORELIK, 2008, pp. 89-90) e os que foram replicados na Colômbia nos anos 50 (GYGER, 2013, p. 90). Em uma entrevista realizada pelo Banco Mundial em 2000, Turner lembrava sua “primeira experiência realmente útil de trabalhar nas bases”, na reconstrução de Arequipa, depois do terremoto devastador de 1958¹¹: “convencemos-lhes das bondades do modelo de assistência e ajuda mútua, do manual porto-riquenho que Eduardo me havia dado” (TURNER citado por CHAVEZ ET AL, 2000).

⁹ Na entrevista realizada por Chávez, R., Vilorio, J. e M. Zipperer (2000), Turner acredita lembrar que o encontro com Neira na reunião do CIAM em Veneza teve lugar em 1950. No entanto, através do exaustivo trabalho de arquivo de Helen Gyger (2013, p. 83), sabemos que o encontro foi dois anos mais tarde, e também que Turner participou como estudante em outras duas reuniões do CIAM: as conferências em Bergamo em 1949 (CIAM 7) e em Hoddesdon em 1951 (CIAM 8). Por outro lado, pouco antes de seu encontro, tanto Neira quanto Turner haviam realizado suas “peregrinações” à Unidade de Habitação de Marselha (ibid.).

¹⁰ No Departamento de Inspeção de Urbanizações e Obras Públicas (IUP) do Ministério de Fomento e Obras Públicas, substituído a partir de setembro de 1957 pelo Gabinete de Assistência Técnica de Arequipa (OATA), do Fundo Nacional de Saúde e Bem-Estar Social (FNSBS) do Ministério da Saúde Pública e da Assistência Social.

¹¹ Segundo registros do Gabinete de Assistência Técnica de Arequipa (OATA), 1.647 casas foram destruídas e 3.407 severamente danificadas (citado por GYGER, 2013, p. 96).

Eduardo Neira Alva estudou no Departamento de Design Cívico da Universidade de Liverpool, entre 1951 e 1952, depois de completar seus estudos na Escola Nacional de Engenheiros (atual UNI) em Lima.¹² O primeiro registro escrito que vincula Neira à AC/AA é o “Relatório sobre as Urbanizações Populares de Arequipa” de 1954, de sua autoria com José Dulanto Pinillos. No Anexo Nº4 do relatório (com o título “O problema das Urbanizações Populares na cidade de Arequipa” e Neira como único autor), propõe-se aproveitar o “enorme esforço” evidente nas casas autoconstruídas nas *barriadas*, por meio de uma “assistência técnica inteligentemente direcionada”, focada na “assistência mútua” dos residentes, a quem poderia ser mostrado como, a partir do trabalho conjunto e sob a orientação de um especialista designado, poderiam construir suas casas da forma mais eficiente e econômica possível (citado por GYGER, 2013, p. 87). Antes da chegada de Turner ao Peru, Neira havia participado de uma experiência coordenada pelas Nações Unidas na Argélia e, mais significativamente para nosso argumento, outra em Porto Rico em 1955 (HUAPAYA ESPINOZA, 2015). Provavelmente nessa viagem a Porto Rico, Neira conheceu Luis Rivera Santos, o diretor do programa de moradia de autoajuda mútua pioneiro (GYGER, 2013, p. 88). Um dos manuais que Neira entregou a Turner após sua chegada ao Peru foi escrito por Rivera Santos e atualmente faz parte da *John Francis Charlewood Turner Collection*, da Universidade de Westminster, em Londres.¹³

Não é minha intenção aqui exagerar a agência individual de Turner no desenvolvimento e execução dos planos e programas de AC/AA primeiro no nível nacional no Peru e, em seguida, através do Banco Mundial, nos níveis regional e global. Tanto Turner quanto Neira, além de suas convicções político-ideológicas, desempenharam um papel dentro da pesada trama das políticas da Guerra Fria. A determinação de promover programas de AC/AA de sucessivos governos dos Estados Unidos, através de agências próprias e incidência na conformação das agendas de organismos multilaterais, é o que explica, em maior medida, sua difusão nesse período. O atrativo ideológico dos programas de AC/AA radicava em seu vínculo com a “promoção da propriedade privada individual” e o ideal de “superação pessoal através do trabalho”, em “oposição ao socialismo latente da habitação pública coletiva” (GYGER, 2013, p. 90) na tradição da *unité d’habitation* modernista. Segundo Bromley (2003, pp. 277-278), na busca do governo norte-americano de “políticas significativas, politicamente viáveis e relativamente de baixo custo para assegurar a estabilidade política e a continuidade do capitalismo em países em desenvolvimento” (e especialmente na América Latina, “considerada particularmente vulnerável pelo movimento revolucionário em Cuba”), “promover a propriedade privada era um objetivo de política óbvio”. Desse ponto de vista, o que Mike Davis (2006, pp. 71-72) denomina o “casamento intelectual”, “extremamente estranho”, entre Turner e McNamara

12 De lá surgiu o agrupamento modernista Espaço, uma das primeiras plataformas de Fernando Belaúnde Terry, em que Neira, junto ao antropólogo José Matos Mar (seu cunhado), também foi membro ativo. Tanto Neira quanto Matos Mar participaram do projeto político de Belaúnde no partido *Acción Popular* (ver GORELIK, 2008 e NEGRON, 2005).

13 Trata-se do “Manual para a organização de projetos piloto de ajuda própria e ajuda mútua em moradia”, elaborado no Centro Interamericano de Habitação (CINVA) em Bogotá (RIVERA SANTOS ET AL., 1953; GYGER, 2013, pp. 89-90).

(a partir da sua designação à frente do Banco Mundial em 1968)¹⁴ não é indecifrável, ainda que paradoxal. Durante a gestão de McNamara, no início dos anos 70, o Banco Mundial começou a considerar as soluções convencionais de habitação mínima dos períodos anteriores inacessíveis para grande parte do mundo em desenvolvimento (GYGER, 2013, p. 291). Nesse sentido, também se explica a confluência do pragmatismo *realpolitik* com ideologia anticomunista de McNamara e a visão comunitária romantizada e idealizante de Turner.

Complementarmente a esta leitura, é também oportuno assinalar a agência dos quadros técnicos norte-americanos e, como defende Gorelik (2008, p. 88-89), o seu “reformismo populista e basista [...] desde já, pleno de paternalismo e ‘salvacionismo liberal’ [...] muitas vezes com vistas de radicalismo”, herdado da tradição do *New Deal*. Seguindo Gorelik (*ibid.*), podemos ver como se configuram outros paradoxos notáveis dessa história: a política de promoção da AC/AA por parte dos Estados Unidos – as tentativas “de converter a experiência porto-riquenha em um modelo para todo o continente” – em sintonia com os grupos sociais de base e os setores da igreja mais próximos à corrente da Teologia da Libertação, e muito frequentemente resistidos por governos nacionais (politicamente alinhados com os EUA) e suas equipes técnicas, que favoreciam as soluções habitacionais modernistas.

No entanto, e dito isso, o papel de Turner na introdução do debate em torno da AC/AA no discurso arquitetônico predominante a nível global não pode ser minimizado. Como afirma Gyger (2013, p. 76), é através de sua “singular figura que o Peru e a moradia por autoajuda – uma localização marginal e um tipo de prática marginal – se tornaram legíveis para um universo ampliado do discurso arquitetônico” a nível global. As colaborações periódicas de Turner na revista de arquitetura britânica *Architectural Design* (AD) são fundamentais para compreender o surgimento da AC/AA na agenda e debates dentro da disciplina, especialmente no contexto anglo, onde o planejamento urbano e a arquitetura decorrem em campos paralelos com pouco intercâmbio – diferentemente do mundo hispanofalante, onde os urbanistas são geralmente arquitetos especializados. A “lendária edição”, nas palavras de Kahatt (2011, p. 23), de 1963 do número 33 da AD, sob o título “*Dwelling Resources in South America*”, com Turner como editor convidado, é o exemplo mais emblemático. O objetivo de Turner ao longo do número é claro: “deslocar a *barriada* e a construção de casas por autoajuda do campo dos relatórios técnicos para o discurso arquitetônico *mainstream*” (GYGER, p. 75). O interesse da linha editorial da AD no início dos anos sessenta (que se acentuaria no decorrer dos anos seguintes) também é evidente a partir de um olhar atual: avançar, a partir de múltiplas frentes, nas primeiras críticas pós-modernas. Nos círculos arquitetônicos anglofalantes, o interesse pelas experiências nas *barriadas* peruanas durante esses anos foi motivado em primeiro lugar pela agenda de seus próprios debates, principalmente pela coleta de provas contra as soluções habitacionais modernistas. Nesse sentido, é interessante ver o desenvolvimento do *crescendo* das

¹⁴ Antes de dirigir o Banco Mundial, Robert McNamara foi Secretário de Defesa durante as presidências de J.F. Kennedy e L.B. Johnson, de 1961 a 1968, e desempenhou um papel fundamental na escalada que levou à Guerra do Vietnã.

críticas de Turner aos conjuntos modernistas desde os primeiros artigos no início dos anos 60 até os textos posteriores à Habitat I. Em “Dwelling Resources in South America”, por exemplo, Turner (1963, pp. 373-374) inclui uma resenha sobre os problemas de um conjunto de superblocos de habitações e equipamento do Banco Obrero em Caracas, o conjunto “23 de janeiro” desenhado por Carlos Raúl Villanueva (que não é nomeado no texto), construído entre 1954 e 1958. O título do artigo é “Mass urban re-housing problems” e, visivelmente, o tom geral é cauteloso. Explica-se que “a causa do fracasso inicial do projeto foi pelo mau planejamento social e financeiro (como consequência, pelo menos parcialmente, da interferência política) e não pelo conceito original” (1963, pp. 373-374). Inclusive, se testa um argumento que justificaria a excepcionalidade do caso venezuelano e a pertinência da solução modernista nesse contexto:

Em um país com tanto dinheiro disponível como a Venezuela tinha nesse momento, em uma cidade com muito pouco solo para construir onde o governo tivesse lugares aptos, e com uma proporção adequada de trabalhadores das classes média-baixas e baixas em condições de comprar ou alugar esse tipo de casas, é possível sustentar enfaticamente a solução dos superblocos (TURNER, 1963, p. 374).

Por outro lado, descreve-se também o “caos social” do conjunto até o final da ditadura de Marcos Pérez Jiménez, quando “os departamentos sem terminar desocupados foram invadidos”, além dos espaços verdes comuns; “os blocos eram controlados por quadrilhas”; os elevadores e o equipamento em geral não funcionavam; e “a sujeidade, especialmente nas escadas internas, era inimaginável” (ibid.). No entanto, o artigo conclui que “muito foi feito desde então”, a partir das recomendações do Centro Interamericano de Habitação (CINVA)¹⁵ e da atuação de grupos de trabalhadores sociais em dois planos piloto. Destaca-se o “grau de participação” e a “responsabilidade” no “melhoramento e manutenção da propriedade, tanto nos departamentos individuais como nas áreas comuns” (ibid.). Embora a inclusão desse caso no argumento geral da edição da AD funcione como contraponto para realçar os benefícios dos programas AC/AA na produção de habitação, é notável a mudança na intensidade da sua crítica nos anos seguintes. Em 1976, no final do arco temporal discutido neste artigo, em *Housing by People*, Turner (1976, p. 49) é contundente em sua caracterização das tipologias de conjuntos de habitação modernistas: sem mais, define-as como uma “arquitetura esteticamente horrível, socialmente alienante e tecnicamente incompetente”.

Ao examinar a enorme incidência de Turner na introdução do debate sobre a participação popular no discurso arquitetônico predominante no mundo anglo, é oportuno reparar que ele pertencia a uma ilustre alta burguesia inglesa.¹⁶ Esse traço que muitas vezes passa despercebido fora do Reino

¹⁵ Turner visitou o conjunto no final de 1962, depois que foram implementadas as primeiras recomendações do CINVA, voltadas no relatório “Banco Obrero, Proyecto de Evaluación de los Superbloques”, editado em Bogotá em 1959 (ver GYGER, 2003, p. 75).

¹⁶ O avô materno de Turner foi Arthur Joseph Gaskin, um discípulo de William Morris que se destacou como ilustrador, pintor e designer de joias no movimento *Arts and Crafts*. A mãe de Turner era afilhada de May Morris, também designer de joias e filha de William Morris (GYGER, 2013, p. 77; CHAVEZ et al., 2000).

Unido (e é óbvio do ponto de vista britânico, numa sociedade onde as identificações de classe são até hoje uma característica saliente) reaparece muito frequentemente entrelinhas nos debates locais que Turner manteve e contribui também para explicar a sua capacidade de estabelecer ligações fundamentais para a difusão da sua obra. Nesse sentido, Gyger (2013, p. 76) ressalta como suas conexões no Reino Unido foram “cruciais para formar uma plataforma inicial para seu trabalho, especialmente através dos auspícios de Monica Pidgeon”, a lendária editora da *Architectural Design* no segundo pós-guerra.¹⁷

A crítica sobre a matriz ideológica vitoriana da noção de autoajuda, que Rod Burgess identifica no discurso de Turner, aponta evidentemente a preconceitos arraigados no senso comum das classes altas inglesas:

o termo “autoajuda” tem conotações ideológicas específicas [...] muitos de seus defensores argumentam seus méritos de um modo muito similar ao ideal vitoriano da autosuperação. Muitas vezes, os argumentos a favor da autoajuda caem numa posição fundamentalmente reacionária [...] A presunção é que [...] os pobres *deveriam* fazer mais por si mesmos. Eles devem fazer muito mais do que outras pessoas estão fazendo por eles no presente, e eles devem ser encorajados a fazer por si mesmos muito do que eles *esperam* que outras pessoas façam por eles (BURGESS, 1978, pp. 1106-1107, ênfase original).

Esse viés de classe que Burgess assinala é visível nos documentos elaborados em Porto Rico, (e exportados à região como modelo impulsionado desde a Aliança para o Progresso) onde, por exemplo, se exorta a “dar às pessoas as tendências e as maneiras de fazer uso de seus próprios esforços para a solução de muitos de seus próprios problemas” e assim, “através da ação cooperativa”, chegar “a uma vida mais frutífera” (LOW COST HOUSING BUREAU, 1960, p. 1). Fica ainda mais expresso no texto de Patrick Geddes (a primeira fonte e referência intelectual de Tuner e Neira), que é apontado por Harris (1998, p. 180) como “talvez a primeira recomendação de uma política desse tipo”. Em *Town Planning Towards City Development: A Report to the Durbar of Indore* (com uma condescendência e um paternalismo intoleráveis para um olhar contemporâneo), Geddes sustenta:

os lixeiros e carroceiros têm certo tempo livre. E são gente robusta, prática, bem disposta e, com frequência, inteligente. Assim, que melhor forma de canalizar essas virtudes, ou aumentá-las, e inclusive até adquiri-las, pode um homem encontrar se não a construção de sua própria casa? (GEDDES, 1918 citado por GYGER, 2013, p. 90).

Embora exista uma distância importante entre o senso comum disciplinar no surgimento do planejamento urbano moderno como campo no início do século XX, refletido cabalmente nos escritos de Geddes, e o pensamento de inspiração turneriana mais progressista do passado recente, onde a noção de participação popular não é necessariamente entendida como uma forma de mão-de-obra

17 Ver www.theguardian.com/artanddesign/2009/sep/21/Monica-Pidgeon-obituary.

barata, mas que está voltada principalmente para a inclusão dos usuários nos processos que determinam as suas moradias e habitat em geral, é possível ainda encontrar no discurso da AC/AA alguns dos pressupostos mais grosseiros, tão explicitamente enunciados no *Relatório Indore* de Geddes, que Burgess criticava nos anos 70: que os pobres têm tempo livre e devem ocupá-lo trabalhando, que todos têm a capacidade e uma inclinação natural para construir e que fazê-lo não implica uma carga, mas é um ato redentor.

Burgess (1978, p. 1123) caracteriza a posição de Turner como “excessivamente voluntarista” e em geral centra boa parte de sua crítica na incompreensão da condição de mercadoria da habitação autoconstruída em sua argumentação. Burgess (1978, p. 1122), aplica no caso de Turner o comentário que Marx faz de Don Quixote (ibid.) no primeiro volume de *O Capital*: “o erro de Don Quixote” consistiu em “acreditar que a cavalaria andante era compatível com toda forma econômica de sociedade” (MARX, 1867, pp. 87-88). Complementarmente, a crítica de Emilio Pradilla, que teve a maior difusão na América Latina como principal antagonista de Turner nos anos 70 e 80, aponta em primeiro lugar ao caráter “retardatário” das políticas de AC/AA e à “auto exploração” que mascaram:

A autoconstrução, única alternativa de solução à necessidade de moradia dos operários pauperizados e as massas de desempregados e subempregos, que lhes é imposta pela burguesia, no geral, e o capital imobiliário, em particular, é objetivamente retardatária, e colocá-la como solução “popular” é reacionário e serve os interesses dos exploradores (PRADILLA, 1982, p. 317).

Mas essas críticas, e as respostas de Turner (1978), não fizeram parte do debate arquitetônico que aqui chamamos *mainstream*. O interesse das revistas especializadas continuou com a cobertura da PREVI (onde Turner não esteve de modo algum envolvido) e a partir de explorações como as de Aldo van Eyck e Bernard Rudofsky,¹⁸ a questão da AC/AA para a crítica e, em seguida, para a historiografia da arquitetura se amalgamaram com a discussão sobre as arquiteturas vernáculas. O que unia todos esses registros era sua deflexão do “movimento moderno”. O próprio Turner provavelmente perdeu seu interesse inicial em levar o debate da AC/AA ao campo da arquitetura ao longo dos anos que vão desde suas primeiras colaborações com a AD, no início dos anos 70, até a publicação de *Housing by People*, “seu maior texto teórico” (GYGER, 2013, p. 78), em 1976. Assim como a crítica de Turner sobre as soluções habitacionais modernistas foi radicalizando-se desde o início dos anos 60 até meados dos anos 70, suas ideias sobre o papel do arquiteto nos processos de AC/AA ao longo desses anos também mudaram fundamentalmente. Da sua formação modernista na Architectural Association do pós-guerra, incluindo as participações em reuniões CIAM como estudante, até a progressiva redefinição de seu perfil profissional que implicou um distanciamento crítico de sua primeira experiência na assistência e coordenação dos projetos de autoajuda nas comunidades peruanas, Turner foi se afastando progressivamente de seu respaldo inicial ao papel do arquiteto no controle direto e na orientação dos projetos de habitação de AC/AA a favor de

18 Ver Scott (2004) y Strauven (2004).

uma crescente “liberdade para construir” (GYGER, 2013, p. 296). Em meados dos anos 70, na elaboração de *Housing by People*, e no contexto de seu novo conceito cunhado como “controle do usuário”, sua atuação anterior lhe parecia “excessivamente intervencionista” (ibid., p. 76). No final de “Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined”, o artigo que responde as críticas de Burgess (1978), Turner (1978, p. 1142)¹⁹ declara-se autocrítico do “projeto de autoajuda que [o teve] como responsável há vinte anos no Peru” (embora esclareça que “se não tivesse sido por essa oportunidade não teria aprendido nem a metade” do que sabia naquele momento) e explicita que “encontrar os meios pelos quais as ações conjuntas do governo e do povo possam ser difundidas” é “a tarefa à que [se] comprometeu e que só acaba de começar” (Turner, 1978, p. 1142). Uma tarefa que Turner desempenharia como consultor especialista em AC/AA, convocado por vários organismos multilaterais em projetos de grande escala, especialmente após seu retorno a Londres em 1973.

O outro arquiteto inglês no Peru: Peter Land e o PREVI

Quando o Projeto Experimental de Habitação de Lima, PREVI, começou a gestar-se, Turner já se tinha mudado do Peru e estava estabelecido em Boston, com sede no Joint Center for Urban Studies, o centro de estudos urbanos de ligação entre Harvard e MIT, onde permaneceu de 1965 a 1973. Foi Peter Land, outro arquiteto inglês, com quem Turner não estava vinculado, quem o pensou e em boa medida coordenou sua materialização entre março de 1968 e abril de 1973 (GYGER, 2013, p. 214). A boa chegada de Land a Belaúnde Terry, Luis Ortiz de Zavallos (Presidente do Banco de la Vivienda de Perú) e em geral o círculo de arquitetos nas primeiras linhas do governo de Belaúnde, com quem Land tinha compartilhado brevemente o ensino na Universidade Nacional de Engenharia (UNI),²⁰ impulsionou com um apoio fundamental a primeira gestão de PREVI (LAND, 2008, p. 10). No entanto, a mudança de governo a partir do golpe de estado presidido pelo General Juan Francisco Velasco Alvarado em outubro de 1968, quase no início da fase de implementação, não parou a marcha do projeto. Nas palavras de Land (2008, p. 10-11) “o novo governo e o novo presidente do banco, o arquiteto Manuel Valega, ratificaram seu compromisso com o projeto e os trabalhos continuaram, com alguns ajustes, até sua conclusão em 1973”. Como explica Ballent (2004, pp. 92-93),

longe de abandonar a consolidação das *barriadas*, o novo governo continuou o projeto e intensificou políticas gestadas anteriormente: as *barriadas* seriam agora denominadas “povos jovens”, e as políticas para sua melhoria e consolidação incorporadas ao novo SINAMOS (Sistema Nacional de Mobilização Social).

¹⁹ Também neste artigo, Turner (1978, p. 1136) se define, pela única vez, com a controversa categoria de “anarquista conservador” para se distinguir dos “anarquistas radicais”.

²⁰ A pedido da Universidade de Yale, a Land organizou e dirigiu uma pós-graduação interamericana de dois anos em Planejamento Urbano e Regional na UNI.

PREVI consistiu inicialmente na articulação de três projetos-piloto: o PP1 visava o projeto e a construção de uma nova comunidade de 1.500 casas (aproximadamente 10.000 pessoas); o PP2 tinha como finalidade o desenvolvimento de técnicas para a reabilitação de habitações existentes; e o PP3 se enfocava no “planejamento racional de assentamentos espontâneos de habitações”, mediante a provisão de esquemas de “lotes com serviços” em novas zonas a urbanizar (BALLENT, 2004, p. 86; GYGER, 2013, p. 211; ARCHITECTURAL DESIGN, 1970, p. 187). Após um grande terremoto no norte de Lima em 1970, um quarto projeto-piloto (PP4) foi adicionado para testar técnicas de reconstrução através de um programa AC/AA (LAND, 2008, p. 12; GYGER, 2013, p. 211). O principal objetivo do projeto geral, cofinanciado pelo governo peruano e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) foi produzir uma bateria de soluções modelo para serem implementadas massivamente em Lima e também transferidas a outros contextos internacionais a partir da participação do PNUD.

Apesar de ser este o programa completo da PREVI, como é conhecido, a maior atenção e cobertura concentrou-se no PP1, que envolveu um concurso aberto para a matrícula de arquitetos peruanos e treze equipes internacionais convidados. Os arquitetos internacionais²¹ foram selecionados pela Land com o critério de conseguir a maior representatividade geográfica possível para sustentar o apoio da ONU, embora finalmente a maioria foi da Europa Ocidental (GYGER, 2013, p. 213). Segundo o plano original, seis projetos (três peruanos e três internacionais) seriam escolhidos para construir as 1.500 moradias (250 de cada protótipo). Porém, por sugestão do relatório oficial do concurso após a decisão do júri, decidiu-se ampliar a amostra de possibilidades e construir 26 projetos, com menos unidades de cada um. Os escolhidos seriam os treze projetos internacionais, mais os três projetos vencedores de equipes peruanas e uma seleção de mais dez. Finalmente, dois dos projetos selecionados na nova amostra foram descartados por sua complexidade técnica,²² e dos 24 projetos restantes, foram construídas aproximadamente vinte unidades de cada um. Com isso, no PREVI materializado foram construídas 467 casas (ibid, p. 217).

Quando Land iniciou as diligências com o Governo do Peru e as Nações Unidas em 1966, Turner não só já estava fora do país, como, fundamentalmente, tinha uma agenda muito diferente. Estava menos interessado na forma final da arquitetura do que nos processos de produção do habitat (BALLENT, 2004, p. 92). E, como já vimos, estava sobretudo empenhado no desenvolvimento de uma teoria que apontava para o deslocamento do arquiteto do centro do cenário nos projetos de AC/AA, exatamente nas antípodas da proposta de Land. No entanto, o PREVI é associado com Turner, inclusive desde suas origens. Por exemplo, na comentada fotomontagem do número

21 1) James Stirling (Reino Unido); 2) Knud Svenssons (Dinamarca); 3) Esguerra, Saenz, Urdaneta, Samper (Colômbia); 4) Atelier 5 (Suíça); 5) Toivo Korhonen (Finlândia); 6) Herbert Ohl (Alemanha); 7) Charles Correa (Índia); 8) Kiyonori Kikutake, Fumihiko Maki, e Noriaki Kurokawa (Japão); 9) J.L. Iñiguez de Onzoño e A. Vázquez de Castro (Espanha); 10) Oskar Hansen and Svein Hatlly (Polónia); 11) Aldo van Eyck (Países Baixos); 12) Candilis, Josic, Woods (França); e 13) Christopher Alexander à frente do Center for Environmental Structure (Estados Unidos).

22 Paradoxalmente, um deles foi o projeto de Herbert Ohl, que havia recebido um dos prêmios na primeira seleção.

monográfico da *Architectural Design* dedicado ao PREVI em 1970 (onde a mesa de reuniões que convoca os arquitetos participantes é transferida para uma *barriada* de Lima), utilizou-se como fundo uma fotografia de Turner de *El Agustino*, publicada no relatório do MIT, *Urban Dwelling Environments*, de Horacio Caminos, Turner e Steffian (1969). Esta parceria, que vai até aos dias de hoje,²³ parece incomodar o Turner. Em um dos textos mais representativos do recente ressurgimento do interesse pelo PREVI, elaborado por um grupo de arquitetos chilenos associados a Aravena (GARCÍA-HUIDOBRO *et al.*, 2008), Turner foi convocado para elaborar um prólogo. Ali, num prefácio muito breve, de um único parágrafo, Turner declara:

Eu estava cético sobre o projeto quando ele foi proposto, mas a experiência desde então, e a riqueza de informações fornecidas por este relatório, percorreram um longo caminho para justificar as dificuldades iniciais do PREVI e seus custos [...] Do meu ponto de vista, a mensagem mais importante que este estudo transmite é que a moradia é uma *atividade* que constrói comunidade e não apenas um *produto* [...] Espero poder discutir os temas mais críticos apresentados nesta publicação (TURNER citado em GARCÍA-HUIDOBRO ET AL, 2008, p. 7, ênfase original, tradução própria do original em inglês).

São notáveis as diferenças entre a recepção do PREVI desde a crítica e historiografia da arquitetura, por um lado, e sua (mínima) consideração desde as ciências sociais e o planejamento urbano (incluindo o sistema de planejamento de Lima) pelo outro. Para a cultura arquitetônica, a evocação do PREVI ocupa um lugar privilegiado: “dirigiu a atenção dos arquitetos no mundo para a urbanização informal” (KAHATT, 2011, p. 22), a partir da seleção dos “melhores arquitetos internacionais da vanguarda radical escolhidos entre aqueles que tiveram uma sólida reputação em moradias sociais” (McGUIRK, 2011), um “*dream team* da vanguarda arquitetônica global” (McGUIRK, 2014, p. 10); foi “a última grande experiência em habitação social” (*ibid.*). Estas últimas considerações de McGuirk, parecem ser particularmente relevantes para a crítica arquitetônica: que era *experimental*, e que arquitetos de prestígio internacional como “o inglês James Stirling, o holandês Aldo van Eyck, os Metabolistas japoneses, Charles Correa da Índia e Christopher Alexander dos Estados Unidos, entre muitos outros” (*ibid.*) estavam dispostos a participar. Para o planejamento urbano, no entanto, o resultado do PREVI não parece ser tão relevante. Do ponto de vista quantitativo, é claro, a sua contribuição não é significativa. Do número original de casas estipulado, que já era modesto em relação à escala das intervenções públicas mais usuais para combater o déficit de moradia, só se pôde construir menos de um terço. O PREVI também não conseguiu cumprir a sua missão e tornar-se um modelo para futuros projetos. Além disso, opõe-se a que os beneficiários finais não tenham sido os estratos mais pobres das classes mais baixas limítrofes, mas, sim, os mais elevados

23 McGuirk (2014, pp. 9-10), por exemplo, afirma que “a ideia [do PREVI] tinha surgido da pesquisa de um arquiteto Inglês, John Turner, que estudou as *barriadas* e apresentou um caso convincente sobre não vê-las como *slums* que precisam ser removidos, mas como soluções criativas e eficazes para as necessidades dos pobres”; e mais adiante: “embora Turner não estivesse envolvido, sua noção de que os cidadãos devem ter agência sobre suas condições de vida foi central para o conceito” fundante do PREVI (*ibid.*, p. 72).

do espectro de baixos rendimentos.²⁴ E, fundamentalmente, critica-se que o resultado construído e transformado não apresente nenhuma melhoria considerável em relação a muitos outros conjuntos de habitação parcial ou totalmente autoconstruídos em Lima. Apesar do orçamento extraordinário e do conhecimento especializado investido no PREVI, segundo um relatório do Instituto Nacional de Desenvolvimento Urbano (INADUR),²⁵ “para a população residente este projeto não difere de outros em termos de qualidade de vida e funcionalidade” (citado por GYGER, 2013, pp. 256-257). A lista de participantes ilustres que, talvez pelo característico fetichismo da cultura arquitetônica e seu culto às celebridades, explica em boa parte a transcendência do PREVI no campo da arquitetura não parece impressionar muito os não-arquitetos. A ênfase no seu caráter “experimental”, por outro lado, provoca nas ciências sociais mais receio do que entusiasmo.²⁶

A Declaração de Vancouver como uma Carta do Habitat diferida

Dez anos após o início da gestação da PREVI, a ideologia da AC/AA não só era indiscutível no Peru (onde, como vimos, repassava mudanças de governos e regimes), mas foi estabelecida na maior plataforma internacional recentemente constituída para incidir sobre a agenda das políticas públicas nos “assentamentos humanos” a nível global. Certamente, a consolidação da AC/AA como discurso dominante no Habitat I, a primeira conferência da ONU sobre assentamentos humanos, e o Fórum Habitat, a conferência paralela voltada para a sociedade civil e patrocinada pelo Governo do Canadá²⁷, é uma das conclusões mais claras dos documentos oficiais e das resenhas imediatamente após as conferências (EKISTICS, 1976; HABITAT, 1976).

Turner foi um dos primeiros palestrantes convidados pelo governo canadense para o Fórum Habitat (SATTERTHWAITE, 2016, p. 10). Lá apresentou *Housing by People*, deu uma conferência magistral e coordenou o *Self-Help and Low-Cost Housing Symposium* com oficinas de trabalho contínuo ao longo do Fórum (EKISTICS, 1976, p. 296-297). Certamente, as duas fontes teóricas com maior incidência na elaboração da Declaração de Vancouver (UN HABITAT, 1976) vieram de Turner e do economista Ernst F. Schumacher (1973), autor do livro *Small is Beautiful* e principal expoente da escola da “tecnologia intermediária” ou “tecnologia apropriada”, com epicentro no Reino Unido.

24 Esta crítica usual também reflete um certo desinteresse, e às vezes desdém, desde a academia pelas políticas de habitação dirigidas às camadas média e média-baixa.

25 INADUR, Estudo de avaliação integral, vol. I, Relatório período 1969-1979, I:74.

26 A partir da arquitetura e urbanismo, também se questiona ocasionalmente o “experimental” aplicado à habitação social. Por exemplo, em *Contra uma arquitetura adjetivada*, Bohigas (1969, p. 93) diz que deve se ter maior respeito pelo “proletariado que já está resistindo a demasiadas pressões e injustiças para que, também ele, tenha que subvencionar as pesquisas de uma sociedade”.

27 Fórum Habitat — apelidado “the people’s conference” (a conferência do povo, em inglês) — convocou mais de 5.000 pessoas de 90 países diferentes e as reuniu em uma antiga base da força aérea canadense em Jericho Beach, com enormes hangares em desuso desde a Segunda Guerra Mundial. Seu principal organizador foi Al Clapp, um jornalista e produtor de programas de notícias (EKISTICS, 1976, pp. 281-287; GYGER, 2013, p. 293).

As duas correntes, muito afins entre si,²⁸ estão implícitas e explicitamente nos “princípios gerais” da Declaração, como nas “Diretrizes para a Ação” e no “Plano de Ação de Vancouver”. Deste modo, é instituído que “a moradia e os serviços adequados constituem um direito humano básico que impõe aos governos a obrigação de assegurar a sua obtenção por todos os habitantes, começando pela assistência direta às classes mais desfavorecidas mediante a orientação de programas de autoajuda e ação comunitária”; e, na linha de Schumacher (1973), que “os governos e a comunidade internacional devem facilitar a transferência de tecnologia e experiência pertinentes, bem como incentivar e prestar assistência na criação de uma tecnologia local mais adequada às características e padrões socioculturais das populações”. Mais adiante, no “Plano de Ação de Vancouver”, estabelece-se que “deve-se colocar ênfase especial em [...] promover ativamente a investigação e a capacitação nas tecnologias adequadas necessárias para o planejamento e o desenvolvimento dos assentamentos”; e nas recomendações específicas inclui-se uma seção completa para a “Construção pelo sector informal”, outra para a “Autoajuda assistida” e para a “Reorganização dos assentamentos urbanos espontâneos”, onde se exorta à “promoção de formas apropriadas de assistência pública aos esforços de autoajuda individuais ou cooperativos”, entre muitos outros.

Mais interessante ainda, a *Declaração de Vancouver*, como tratado urbanístico, condensa também boa parte da crítica à ideologia CIAM acumulada desde fins dos anos 50. Contra a separação das quatro funções básicas da Carta de Atenas, propõe-se uma “estreita vinculação das diferentes funções urbanas”, e sobre o diagnóstico antropológico sobre a alienação que provocam os ambientes modernistas se dispõe “a eliminação dos conceitos urbanos que conduzem ao isolamento humano”. Nesse sentido, e não sem alguma licença poética, poderia argumentar-se que aqueles que eram muito jovens assistiram aos debates dos últimos CIAM (Turner em primeiro lugar²⁹) continuaram a discussão até plasmar o que havia ficado pendente na reunião de 1956: a Carta do Habitat. Retomando o conhecido episódio da “mensagem de Le Corbusier ao CIAM 10”, lido por Sert na abertura do congresso em Dubrovnik (onde se clamava que a “geração de 1956” “tomasse o posto” e estivesse à altura da “geração de 1928” que formulou a Carta de Atenas), a exortação da velha guarda do CIAM tinha, assim, um desfecho. Embora, é claro, um muito diferente do esperado naquele momento. Sendo assim, a Carta do Habitat, encomendada às gerações jovens do CIAM, que deveria ter replicado em importância à Carta de Atenas (MUMFORD, 2000, pp. 239-249), chegou vinte anos mais tarde.³⁰

Concluindo: a “autoconstrução” e “autoajuda”

28 A ressonância dos escritos de Schumacher na obra de Turner, nos anos setenta, é manifesta, e os seus críticos também o entenderam. Burgess (1978, p. 1105-1106), por exemplo, afirma que, “na sua fase atual, Turner atingiu um nível ainda mais elevado de abstração, ampliando o seu argumento a nível global (incluindo as sociedades industriais ocidentais), ligando as suas ideias às da Escola de Tecnologia Intermediária”.

29 Ver nota 9.

30 Devo a Alejandro de Castro Mazarro a ideia da *Declaração de Vancouver* como uma Carta do Habitat diferida.

como uma nova “lição para o mundo desenvolvido”

O agrupamento do episódio PREVI, junto à exposição do MoMA *Arquitetura sem arquitetos*, montada por Rudofsky, o interesse de Aldo van Eyck pela arquitetura popular no Saara e a redescoberta da arquitetura vernácula em geral, somado à experiência de Turner nas *barriadas* peruanas, provavelmente não tem um sentido evidente fora da historiografia da arquitetura. De fato, para os seus protagonistas, ser incluído nessa sucessão de eventos e temáticas revelou-se, por vezes, inoportuno e provocou posições incômodas. Como no caso de Turner, que, como vimos até hoje, manteve uma postura crítica e afastou-se o máximo possível do PREVI. No entanto, para a crítica especializada, a conexão é clara: todas elas são manifestações do esgotamento do discurso modernista e evidências do fim da ideologia CIAM.

A incorporação da questão da participação popular na produção do habitat na América Latina dentro do debate arquitetônico *mainstream* nos anos 70 funcionou nesse sentido. Foi uma “lição para o mundo desenvolvido”, como se sustenta no título da editora da *Architectural Record* (1976), que cobre um dos concursos associados ao Habitat I. Essa é a lógica da inclusão das *barriadas* peruanas junto à Archigram e aos Metabolistas no mapa dos movimentos arquitetônicos do século vinte de Charles Jencks (McGUIRK, 2014, p. 70). Para o mais emblemático dos historiadores e promotores da arquitetura pós-moderna, Turner entrou desse modo como mais uma peça na construção de sua narrativa da “morte da arquitetura moderna”.

O interesse atual pela figura de Aravena no mundo anglo e na Europa Ocidental, na linha da *Radical Cities* de Justin McGuirk (2014), funciona de um modo equivalente na lógica dos debates da crítica contemporânea contra o sistema dos *starchitects* e a cultura do $\text{¥}\text{€}\text{\$}$ invocada por Koolhaas. É impossível não encontrar ressonâncias. “O que aconteceu na primeira década de 2000 é facilmente parodiável, e vai continuar sendo, até que um futuro mais clemente inevitavelmente ressuscite os *starchitects* como heróis”, diz McGuirk (2014, p. 14) na introdução de seu livro. Ao esbanjamento, à egomania, à opulência obscena do sistema de *starchitects*, McGuirk contrapõe a figura do “arquiteto ativista”, que opera nos bairros pobres da América Latina, “não para sua própria glória, mas para o benefício dos residentes” (ibid, p. 33). Por outro lado, as críticas atuais à “exaltação de Aravena”, como as de Massad (2016) citadas no primeiro ponto deste artigo, que protestam pelo “nulo interesse em confirmar os resultados reais” dos projetos do escritório Elemental no “âmbito arquitetônico” também inevitavelmente ressoam na revisão dos reparos ao legado de PREVI que Gyger apresenta (2013, p. 216).

Na antessala do Habitat III, que terá lugar em outubro de 2016 em Quito, e em pleno *revival* do PREVI, a relevância de reexaminar estes debates parece ser duplamente pertinente.

Referências

ABRAMS, C. What forms of assistance are available? In: COMMITTEE ON BANKING AND CURRENCY, US SENATE (Eds.). **Study of international housing**. Washington, DC: USGPO, 1963, p. 61-73.

_____. **Man's struggle for shelter in an urbanizing World**. Massachusetts: MIT Press, 1964.

ARCHITECTURAL DESIGN. PREVI/Lima: Low Cost Housing Project. **Architectural Design**, v. 40, n. 4, p. 187-205, april 1970.

ARCHITECTURAL RECORD. Human Settlements: with the winning designs in competition for the urban environment of developing countries, Edição Maio, 1976.

BALLENT, A. Learning from Lima. PREVI, Perú: habitar popular, vivienda masiva y debate arquitectónico, 1945-1970. **Block. Revista de cultura de la arquitectura, la ciudad y el territorio**, v. 6, p. 86-95, 2004.

BOHIGAS, O. **Contra una arquitectura adjetivada**. Barcelona: Seix Barral, 1969.

BROMLEY, R. Peru 1957-1977: How Time and Place Influenced John Turner's Ideas on Housing Policy. **Habitat International**, v. 27, n. 2, p. 271-292, 2003.

BURGESS, R. Petty commodity housing or dweller control? A critique of John Turner's views on housing policy. **World Development**, v. 6, n. 9-10, p. 1105-1133, 1978.

CAMINOS, H.; TURNER, J. E STEFFIAN, J. **Urban Dwelling Environments: An Elementary Survey of Settlements for the Study of Design Determinants**. Cambridge: MIT Press, 1969.

CHAVEZ, R., VILORIA, J. Y M. ZIPPERER (2000) with John F. C. Turner, Washington: World Bank, 11-9-2000. Disponible en: <http://siteresources.worldbank.org/INTUSU/Resources/turner-tacit.pdf>

CIES-CONSEJO INTERAMERICANO ECONÓMICO Y SOCIAL. **El problema de la vivienda de interés social en América Latina**. Washington: Unión Panamericana, 1953.

CRANE, J. L. Workers' housing in Puerto Rico. **International Labour Review**, v. 49, p. 608-628, 1944.

_____ Huts and houses in the tropics. *Unasylva*, v. 3, 1949, p. 99-105.

CHIODELLI, F. International housing policy for the urban poor and the informal city in the global south: a non-diachronic review. *Journal of International Development*, v. 28, p. 788-807, 2016. DOI 10.1002/jid.3204.

DAVIS, M. **Planet of slums**. London: Verso, 2006.

EKISTICS. Perspectives on Habitat, the UN Conference on Human Settlements. *Ekistics. The problems and science of human settlements*, v.42, n. 252, nov, 1976.

FERNÁNDEZ WAGNER, R. Los asentamientos informales como cuestión. Revisión de algunos debates. In: CRAVINO, M.C. (org.). **Los mil barrios (in) formales**. Aportes para la construcción de un observatorio del hábitat popular del Área Metropolitana de Buenos Aires. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2009, p. 13-44.

GARCÍA-HUIDOBRO, F., TORRES TORRITI, D. Y TUGAS, N. **El tiempo construye! El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: génesis y desenlace**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

GEDDES, P. **Town Planning towards City Development: A Report to the Durbar of Indore**. Indore: Holkar State Printing Press, 1918.

GORELIK, A. La aldea en la ciudad: Ecos urbanos de un debate antropológico. *Revista del Museo de Antropología. Universidad Nacional de Córdoba*, v. 1, p. 73-96, 2008.

GYGER, H. E. **The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954-1986**. 2013. Tese. Ph.D., Columbia University Academic Commons. (Philosophy under the Executive Committee of the Graduated School of Arts and Sciences). Ph.D., Columbia University Academic Commons. Columbia - USA. 2013.

HARRIS, R. The silence of the experts. Aided self-help housing, 1939-1954. *Habitat International*, v. 22, 1998, p. 165-189.

_____ Slipping through the cracks. The origins of aided self-help housing, 1918-1953. *Housing Studies*, v. 14, n. 3, p. 281-309, 1999.

_____ A double irony: the originality and influence of John F.C. Turner. *Habitat International*, v. 27, 2003, p. 245-269.

HUAPAYA ESPINOZA, J.C. Eduardo Neira Alva. Aportes profesionales para el debate sobre el desarrollo territorial y la ecología urbana en América Latina, 1961-1998. In: **Anais do XVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Belo Horizonte: ANPUR, 2015.

KAHATT, S. S. PREVI-Lima's Time: Positioning Proyecto Experimental de Vivienda in Peru's Modern Project. **Architectural Design**, v. 81, p. 22-25, 2011.

LAND, P. El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: antecedentes e ideas. In: GARCÍA-HUIDOBRO, F., TORRES TORRITI, D. y TUGAS, N. (org.) **El tiempo construye!** El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: génesis y desenlace. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

LIERNUR, J. F. Vanguardistas versus expertos. Reconstrucción europea, expansión norteamericana y emergencia del Tercer Mundo: para una relectura del debate arquitectónico en la segunda posguerra (una mirada desde América Latina). **Block. Revista de cultura de la arquitectura, la ciudad y el territorio**, v. 6, p. 18-39, 2004.

LOW COST HOUSING BUREAU, PUERTO RICO. **The aided self-help housing program in Puerto Rico**. Commonwealth of Puerto Rico, Department of Agriculture and Commerce. Social programs administration, Puerto Rico, 1960.

MARX, K. **Capital. Volume 1**. Moscú: Foreign Language Publishing House, (1867) 1954.

MASSAD, F. **Alejandro Aravena, Premio Pritzker 2016**. Disponible en: <http://abcblogs.abc.es/fredy-massad/2016/01/15/alejandro-aravena-premio-pritzker-2016/>.

MATHEY, K., Ed. **Beyond self-help housing**. London: Mansell, 1991.

McGUIRK, J. PREVI: The Metabolist utopia. **Domus**, n. 946, p. 58-70, 2011.

_____. **Radical cities: Across Latin America in search of a new architecture**. New York: Verso Books, 2014.

MUMFORD, E. P. **The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.

- NEGRÓN, M. Eduardo Neira y la segunda fase de la modernización de Venezuela. **Cuadernos del Cendes**, v. 22, n. 58, p. 149-157, 2005.
- PRADILLA, E. **El problema de la vivienda en América Latina**. Quito: Centro de Investigaciones Ciudad, 1982.
- RIVERA SANTOS, L. ET AL. **Manual para la organización de proyectos piloto de ayuda propia y ayuda mutua en vivienda**. Bogotá: CINVA, 1953.
- SCHUMACHER, E. **Small is Beautiful. A Study of economics as If people mattered**. London: Abacus Books, 1973.
- SCOTT, F. Revisitando Arquitectura sin Arquitectos. **Block. Revista de cultura de la arquitectura, la ciudad y el território**, v. 6, p. 88-85, 2004.
- STRAUVEN, F. Aldo Van Eyck. La forma de la relatividad. **Block. Revista de cultura de la arquitectura, la ciudad y el territorio**, v. 6, p. 64-73, 2004.
- SATTERTHWAITE, D. Editorial: A new urban agenda?. **Environment & Urbanization International. Institute for Environment and Development (IIED)**, v. 28, n. 1, p. 3-12, 2016.
- TURNER, J.F.C., Ed. Dwelling resources in South America. **Architectural Design**, v. 33, p. 360-393, 1963.
- _____. **Housing by People. Towards autonomy in building environments**. London: Marion Boyards, 1976.
- _____. Housing in three dimensions. Terms of reference for the housing question redefined. **World Development**, v. 6, p. 1135-1145, 1978.
- _____. Prefacio. In: GARCÍA-HUIDOBRO, F., TORRES TORRITI, D. y TUGAS, N. (org.) **El tiempo construye! El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: génesis y desenlace**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008, p. 6-7.
- WAINWRIGHT, O. **The Guardian**, 2016. Chilean architect Alejandro Aravena wins 2016 Pritzker prize. Disponível em: <http://www.theguardian.com/artanddesign/2016/jan/13/chilean-architect-alejandro-aravena-wins-2016-pritzker-prize>. Acesso em: 13 jan. 2016.
- UN HABITAT. **Report of Habitat: United Nations Conference on Human Settlements**. New York: United Nations, 1976.

WARD, P.M. Foreword. In: TURNER, J., **Housing by People**. Towards autonomy in building environments. Londres: Marion Boyars, 1976, p. 4-10.

WORLD BANK. **Urbanization**. Washington, DC: World Bank, 1972.

_____. **Housing. Enabling markets to work**. Washington, DC: World Bank, 1973.

COMO CITAR

KOZAK, Daniel. John F. C. Turner e o debate sobre a participação popular na produção de habitat na América Latina na cultura arquitetônico-urbanística: 1961-1976. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 11, p. 76-97, 2024.